

RESUMO

Neste texto, em homenagem ao professor João Alexandre Barbosa, apresento uma visão bastante pessoal do grande mestre, a partir da parte de sua trajetória que pude acompanhar, ao longo de dezoito anos, mencionando também sua atuação como leitor e como crítico literário.

PALAVRAS-CHAVE: João Alexandre Barbosa, homenagem, crítica literária brasileira, ensino de poesia.

LIÇÕES DE POESIA

Gênese Andrade*

ABSTRACT

In this text, in homage to João Alexandre Barbosa, I present a personal view about the professor, from the part of his trajectory which I could follow, during eighteen years; I also mention his work as a reader and literary critic.

KEY WORDS: João Alexandre Barbosa, homage, Brazilian literary criticism, teaching of poetry.

* Pós-Doutoranda em Teoria Literária na Unicamp, Campinas, São Paulo.
E-mail: genese.andrade@terra.com.br

Conheci o professor João Alexandre Barbosa em 1988. Acabara de entrar na Universidade de São Paulo e, como caloura do curso de Letras, matriculei-me na disciplina Introdução aos Estudos Literários. Essa disciplina, que antes era optativa, passara, no primeiro semestre desse ano, a ser obrigatória para todos os alunos dessa carreira, e por isso contava, além dos calouros, com estudantes veteranos de níveis diversos. Tive a sorte de ficar na numerosa turma que acompanhava as aulas ministradas por ele.

As aulas consistiam na leitura e análise de poemas, acompanhadas de discussões de textos teóricos. Foram, na verdade, mergulhos na poesia, uma “introdução” a esse assunto tão complexo quão instigante e apaixonante, na melhor acepção do termo: algo de caráter primordial (no sentido de principal, importante, básico, essencial), que exige uma continuidade, e que nunca termina.

O professor João Alexandre iniciava as aulas lendo poemas, declamando-os, com especial entonação, com vigor e paixão. Seus autores preferidos apareciam de maneira recorrente, como tema central ou não, e se complementavam, e remetiam uns aos outros, em torno das questões da modernidade, da metalinguagem, da poeticidade: Paul Valéry, João Cabral de Melo Neto, Carlos Drummond de Andrade, Octavio Paz. Acompanhávamos também os críticos que eram suas principais referências: T.S. Eliot, Ezra Pound, entre outros.

Os textos eram lidos em sua língua original, escritos na lousa, às vezes, para que melhor pudéssemos acompanhar a aula; durante a análise, ele recorria à tradução dos poemas em língua estrangeira, ressaltava sempre que esta é um “perde/ganha”, evidenciando as relações entre som e sentido, conteúdo e forma, e as peculiaridades das diferentes línguas que facultavam a perda ou o ganho no sentido poético.

Passados quase vinte anos, ainda ecoa em minha memória a leitura de alguns versos:

Quando um rio corta, corta-se de vez
o discurso-rio de água que ele fazia;
cortado, a água se quebra em pedaços,
em poços de água, em água paralítica.
Em situação de poço, a água equivale
a uma palavra em situação dicionária:
isolada, estanque no poço dela mesma,
e porque assim estanque, estancada;
e mais: porque assim estancada, muda,
e muda porque com nenhuma comunica,
porque cortou-se a sintaxe desse rio,

o fio de água por que ele discorria.

[...]

(MELO NETO, “Rios sem discurso”)

[...]

Ne hâte pas cet acte tendre,
Douceur d'être et de n'être pas,
Car j'ai vécu de vous attendre,
Et mon coeur n'était que vos pas.

(VALÉRY, “Les pas”)

Como el aire

hace y deshace
sobre las páginas de la geología,
sobre las mesas planetarias,
sus invisibles edificios:

el hombre.

Su lenguaje es un grano apenas,
pero quemante,

en la palma del espacio.

[...]

(PAZ, “El fuego de cada día”)

Paralelamente aos poemas em torno dos quais se estruturavam as aulas, o professor João Alexandre selecionara outros para a realização de seminários; escolhera-os de maneira a contemplar os diversos estilos de época da Literatura Brasileira, mas a seqüência das leituras era retrospectiva, do Modernismo ao Arcadismo. Sábia e didaticamente, ele previa que isso facilitaria o aprendizado aos jovens alunos, com pouca ou nenhuma experiência em análise de textos.

Pode-se imaginar a imensa distância que havia entre os alunos recém-saídos do colégio, deslumbrados com a USP, e o professor titular e grande crítico então às vésperas de sua aposentadoria. Seu vasto repertório e a leitura e citação em línguas diversas nunca pareceram pedantes ou intimidadores. Mesmo para os calouros, que sem dúvida não tinham bagagem nem maturidade para assimilar 100% das aulas, consistiam em estímulos para a sede de conhecimento, combustível para aumentar a paixão pela literatura em geral, e pela poesia em particular. Foi o último curso que ele ministrou na graduação. No semestre seguinte, assumiria a chefia do Departamento ao qual pertencia e logo depois se aposentaria.

Tenho certeza de que nessas aulas o professor João Alexandre lançou muitas sementes que frutificaram. Foi por suas mãos que conheci a poesia

de Octavio Paz, autor ao qual dediquei meu trabalho de graduação em 1991, acompanhada pela professora Neide González, de Língua Espanhola; um projeto de Iniciação Científica e a dissertação de Mestrado (defendida em 1995), orientados pelo professor Jorge Schwartz, de Literatura Hispano-Americana. Pude contar com sua participação nas bancas examinadoras de qualificação e de defesa desse trabalho, e também da tese de Doutorado, e então, mais do que o professor, conheci mais de perto o leitor atento, o crítico rigoroso, que primeiro apontava as falhas e depois fazia os elogios, procedimento que ele chamava de “morde e assopra”. Ele costumava dizer que, ao iniciar a argüição com as críticas, podia esquecer-se dos elogios, mas evidentemente isso não acontecia.

Em 1994, pude assistir, como ouvinte, ao último curso de pós-graduação que o professor João Alexandre ministrou, dedicado a Paul Valéry. Embora aposentado, o Departamento de Teoria Literária o convidara para essa atividade, convite que ele dizia ter aceitado com prazer, o que era visível. Sua paixão pela literatura, e por Valéry, sua didática, paciência e atenção para com os alunos eram as mesmas de seis anos antes. Essas aulas eram mais longas que as da graduação, duravam quase quatro horas, mas o tempo parecia sempre curto para tudo o que tinha a dizer, e eram tão magistrais que os alunos não queriam que terminassem; muitos ficavam conversando com ele depois, e ninguém parecia ter pressa de ir embora (as exceções, sempre existentes, passavam despercebidas para a maioria).

Essas aulas tornaram-se referência imprescindível para os leitores e estudiosos de Valéry no Brasil. Minhas anotações, nas quais espero não ter traído o professor, e a bibliografia desse curso foram emprestadas a várias pessoas que não puderam acompanhá-lo. Os poemas a Narciso e as reflexões sobre o processo de criação de *O cemitério marinho*, registradas em ensaios recolhidos em *Variedades*, que pude então conhecer, foram iluminadores das idéias que apresentei em minha dissertação de Mestrado, mencionada, sobre a reescritura realizada por Octavio Paz de seu livro *Libertad bajo palabra*.

Em outubro de 2001, uma semana depois de minha defesa de Doutorado, fui visitá-lo em sua casa, aceitando um convite seu, muito gentil. Conversamos durante horas sobre literatura, e ele me falou, com detalhes e com muito entusiasmo, sobre seu trabalho à frente da Edusp, a criação do Projeto Nascente, a implantação do Cinusp, sua atuação na Pró-Reitoria de Cultura e na direção da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Presenteou-me com um exemplar do livro, então recém-publicado, *João Cabral de Melo Neto*, da Coleção Folha Explica, com uma dedicatória bem-humorada e carinhosa. Nessa ocasião, pude conversar também com a professora Ana Mae Barbosa, sua esposa sempre mencionada com carinho nas aulas e conversas, que eu já conhecia por seu importantíssimo trabalho

como crítica de arte, em arte-educação e na direção do Museu de Arte Contemporânea da USP.

Desde que o conheci, acompanhei-o em palestras, conferências, debates, mesas-redondas, dentro e fora da USP: em um congresso do Centro de Estudos Portugueses, na USP, em 1988; em um debate com Marjorie Perloff, na USP, em 1993; no lançamento das *Obras completas* de João Cabral, na livraria de Pedro Corrêa do Lago, em 1994; no seminário em homenagem ao centenário de Borges, na USP, em 1999; em vários eventos no auditório da *Folha de S. Paulo*; em mesa-redonda em homenagem a Haroldo de Campos, no Sesc Vila Mariana, e na Semana de Literatura Hispano-Brasileira, no Instituto Cervantes, ambos em 2004; em mesas-redondas sobre Haroldo de Campos e por ocasião do lançamento do livro *Poesia concreta*, de Gonzalo Aguilar, na Casa das Rosas, em 2005, para citar apenas alguns deles. Falando sobre temas diversos, a paixão pelo livro, o prazer da leitura e seus autores preferidos sempre estavam presentes; além dos já mencionados, Machado de Assis, Ítalo Calvino, Jorge Luis Borges, e o *Quixote* de Cervantes também eram referências constantes.

Leitora de seus ensaios, eu vibrava cada vez que me deparava com textos que versavam sobre assuntos que eu o ouvira abordar nas aulas ou palestras. Tinha a sensação de acompanhar mais de perto seu trabalho, a trajetória das idéias talvez nascidas nas aulas, que culminavam no texto impresso e voltariam a ecoar em falas futuras. Isso ocorreu, por exemplo, com o ensaio “A volúpia lasciva do nada”, sobre *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis: ele citou, em uma aula do curso de Introdução aos Estudos Literários, algumas idéias ali apresentadas, comentou que estava escrevendo sobre o tema e pouco depois eu pude ler o ensaio na *Revista USP*, mais tarde mencionado em palestras e recolhido no livro *A biblioteca imaginária*.

Assisti à que eu suponho que tenha sido a última aula ministrada por João Alexandre na USP, em 13 de outubro de 2005. A convite do professor Roberto Zular, do Departamento de Teoria Literária, ele falou de Valéry, leu poemas (como “Le pas”), fez comentários sobre João Cabral, Gilberto Freyre, e também sobre sua juventude no Recife.

Vi-o pela última vez em dezembro de 2005, na festa de dez anos da Editora Ateliê, realizada na Pinacoteca do Estado. Prometi visitá-lo, mas infelizmente não o fiz. Sempre tinha notícias suas por um amigo comum, cada vez mais próximo a ele nos últimos anos, marcados por uma triste questão pessoal que muito o abalou, mas que sua discrição e equilíbrio permitiram que não interferisse demais em sua vida pública, e que sua atividade intelectual continuasse com a mesma lucidez e paixão de sempre. Quando eu soube, em maio de 2006, que ele estava enfermo e hospitalizado, já não era mais possível visitá-lo.

Hoje, relembrando essa trajetória, talvez se possa ver aí uma longa despedida. Prefiro, porém, pensar que se tratou de uma possibilidade ímpar de acompanhar seus momentos-chave, ápices em sua carreira, eventos memoráveis sempre marcados pelo desejo de que não tivessem fim.

A notícia recebida em 3 de agosto de 2006 ainda não me parece verdadeira. Não tive coragem de ir ao velório, nem à cerimônia de cremação, preferindo ter como derradeira lembrança a imagem do último encontro, em que ele estava bastante bem. Ao ler, dias depois, as matérias veiculadas nos jornais impressos e virtuais de todo o país, as fotografias que as acompanhavam me consolaram um pouco da ciência de que não o veria nem o ouviria mais.



Marlene Bergamo/Folha Imagem - 26/8/1998.



Nessas imagens congeladas, o professor João Alexandre está sempre em movimento, registro de seu ser mais verdadeiro. A inquietude que a literatura provocava nele, o rigor da análise, a argúcia do crítico, o inconformismo com a injustiça, com a indiferença, com a inércia, estão concentrados nesses retratos.

Mesmo com voz calma e pausada e com gestos solenes, a indignação não deixava de aparecer, uma vez que seus sentimentos eram sempre transparentes. Penso que, em meio às suas falas, quando ele fazia uma pausa, acendia o cachimbo e fumava, não o fazia para descansar ou para tomar fôlego. Mas, sim, para que seus ouvintes acomodassem as idéias, organizassem os pensamentos e respirassem, pois não era fácil acompanhar as inúmeras referências e reflexões que brotavam de sua voz. Todos os que o ouviam não queriam nem respirar para não perder nada, e certamente ele sabia disso; então, paciente e generosamente, fazia uma pausa que era mais para nós do que para ele.

Gostaria de concluir com o poema “Nudez”, de Drummond, que eu o ouvi declamar várias vezes, em aulas e palestras, e que conheci por seu intermédio. Esse texto me impressionou de tal maneira que eu o decorei também, e o acompanhava “em dueto”, em voz alta ou mentalmente, cada vez que ele o mencionava. Da primeira vez que o ouvi, pareceu-me um bellissimo poema sobre a desilusão, mas, em suas aulas e com o tempo, percebi que tinha muitos outros sentidos. Hoje, diante do vazio que sinto ao pensar em sua ausência, ressalta-se o niilismo do texto. Ocorre que João Alexandre é uma figura imensa em todos os sentidos, e mesmo que o vigor de sua obra, a veemência de suas palavras, a potência de seus gestos congelados nas fotografias sejam infinitos e tão presentes, não podem preencher a lacuna que sua partida nos deixa. Nem a poesia nos conforta, ainda que imaginemos que ele nos acompanha nesta leitura, onde quer que esteja!

Não cantarei amores que não tenho,
e, quando tive, nunca celebrei.
Não cantarei o riso que não rira
e que, se risse, ofertaria a pobres.
Minha matéria é o nada.
Jamais ousei cantar algo de vida:
se o canto sai da boca ensimesmada,
é porque a brisa o trouxe, e o leva a brisa,
nem sabe a planta o vento que a visita.

Ou sabe? Algo de nós acaso se transmite,
mas tão disperso, e vago, tão estranho,
que, se regressa a mim que o apascentava,

o ouro suposto é nele cobre e estanho,
estanho e cobre,
e o que não é maleável deixa de ser nobre,
nem era amor aquilo que se amava.

Nem era dor aquilo que doía;
ou dói, agora, quando já se foi?
Que dor se sabe dor, e não se extingue?
(Não cantarei o mar: que ele se vingue
de meu silêncio, nesta concha.)
Que sentimento vive, e já prospera
cavando em nós a terra necessária
para se sepultar à moda austera
de quem vive sua morte?
Não cantarei o morto: é o próprio canto.
E já não sei do espanto,
da úmida assombração que vem do norte
e vai do sul, e, quatro, aos quatro ventos,
ajusta em mim seu terno de lamentos.
Não canto, pois não sei, e toda sílaba
acaso reunida
a sua irmã, em serpes irritadas vejo as duas.

Amador de serpentes, minha vida
passarei, sobre a relva debruçado,
a ver a linha curva que se estende,
ou se contrai e atrai, além da pobre
área de luz de nossa geometria.
Estanho, estanho e cobre,
tais meus pecados, quanto mais fugi
do que enfim capturei, não mais visando
aos alvos imortais.

Ó descobrimento retardado
pela força de ver.
Ó encontro de mim, no meu silêncio,
configurado, repleto, numa casta
expressão de temor que se despede.
O golfo mais dourado me circunda
com apenas cerrar-se uma janela.
E já não brinco à luz. E dou notícia
estrita do que dorme,

sob placa de estanho, sonho informe,
um lembrar de raízes, ainda menos,
um calar de serenos
desidratados, sublimes ossuários
sem ossos;
a morte sem os mortos; a perfeita
anulação do tempo em tempos vários,
essa nudez, enfim, além dos corpos,
a modelar campinas no vazio
da alma, que é apenas alma, e se dissolve.

(DRUMMOND DE ANDRADE, "Nudez")

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, João Alexandre. *A biblioteca imaginária*. São Paulo: Ateliê, 1996.
- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. Nudez. *A vida passada a limpo. Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004. p. 419-420.
- MELO NETO, João Cabral de. Rios sem discurso. *A educação pela pedra. Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 350-351.
- PAZ, Octavio. El fuego de cada día. *Vuelta. Obra poética (1935-1988)*. Barcelona: Seix Barral, 1990. p. 585-586.
- VALÉRY, Paul. Les pas. *Poésies*. Paris: Gallimard, 1956. p. 59.
- _____. *Varietades*. Tradução de Maiza Martins de Siqueira. São Paulo: Iluminuras, 1991.